

OS 27
CRUSHES DE
MOLLY

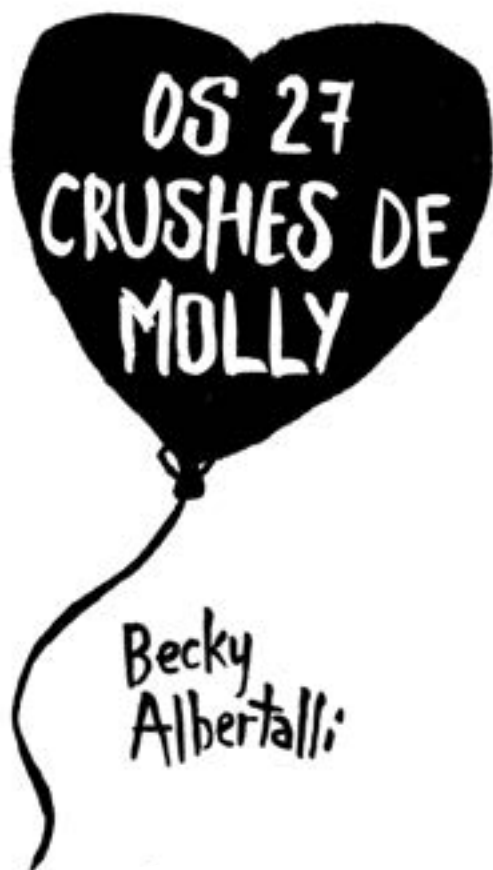
intrínseca

Becky
Albertalli

AUTORA DE
SIMON VS. A AGENDA HOMO SAPIENS







TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2017 by Becky Albertalli
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

TÍTULO ORIGINAL
The Upside of Unrequited

PREPARAÇÃO
Cristiane Pacanowski

REVISÃO
Beatriz D'Oliveira
Ilana Goldfeld

ARTE E FOTO DE CAPA
Aline Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
A289v

Albertalli, Becky
Os 27 crushes de Molly / Becky Albertalli ; tradução
Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
320 p.; 21 cm.

Tradução de: The upside of unrequited
ISBN 978-85-510-0236-0

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título.

17-42556

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para as mulheres que me conhecem
bem até demais: Caroline Goldstein, Eileen Thomas,
Adele Thomas, Gini Albertalli e Donna Bray.
E em memória de Molly Goldstein, com amor
e saudade. Este livro é para você.



ESTOU NO BANHEIRO DO 9:30 Club, imaginando como será que as sereias fazem xixi.

Não é um pensamento aleatório. Tem uma Barbie sereia presa na porta. E acho uma escolha bem esquisita para uma mascote de banheiro. Se é que isso existe. Mascote de banheiro.

Mas a porta se abre, deixando entrar a música da boate. Este definitivamente não é um banheiro em que se consiga entrar sem chamar a atenção.

Uma porta de cabine se fecha quando estou abrindo a minha. Eu saio.

Paro em frente ao espelho. Mordo as bochechas para parecer que as maçãs do meu rosto são pronunciadas. E é uma transformação e tanto. Às vezes, me pergunto se poderia fazer isso para sempre, passar o resto da vida sugando de leve as bochechas por dentro. Se bem que minha boca fica esquisita quando faço isso. Além do mais, morder as bochechas atrapalha na hora de falar, e isso é meio demais até para mim. Mesmo que por maçãs do rosto.

— Merda. — A voz sai da cabine, baixa e meio rouca. — Ei, você pode me passar o papel higiênico?

Ela está falando comigo. Demoro um segundo para perceber.

— Ah! Claro.

Pego um montinho e passo por debaixo da porta. A mão roça na minha quando ela pega o papel.

— Valeu, você salvou minha vida.

Eu salvei uma vida. Bem aqui, no banheiro do 9:30 Club.

Ela dá a descarga e sai da cabine, e a primeira coisa em que reparo é sua blusa: é vermelha, de algodão, com um desenho incrivelmente artístico das letras *G* e *J*. Na verdade, acho que a maioria das pessoas nem enxergaria letras ali.

Mas eu enxergo.

— Georgie James.

A garota ergue as sobrancelhas, sorrindo.

— Você conhece?

— Conheço.

Também dou um sorriso.

Georgie James. Era uma banda de Washington que acabou há alguns anos. Não é muito comum encontrar alguém da nossa idade que tenha ouvido falar deles, mas minha irmã era uma fã obcecada.

— Que incrível.

— É mesmo muito incrível — falo, e a garota ri. É uma daquelas gargalhadas baixas que borbulham pela garganta da pessoa.

Nessa hora, olho para ela de verdade. E... nossa.

Ela é linda.

Essa garota.

Ela é baixa, magra e oriental, e o cabelo é de um tom tão escuro de roxo que quase não parece roxo. Usa óculos com armação grossa, e tem alguma coisa no formato dos lábios dela. São muito bem definidos.

Cassie ficaria doida por ela. Principalmente por causa dos óculos, e da blusa da Georgie James.

— Bom, obrigada por salvar minha vida. — Ela balança a cabeça. — Tá, não exatamente a vida.

Dou uma risadinha.

— Tudo bem.

— Obrigada por salvar a minha vulva.

Encolho os ombros e sorrio. Tem alguma coisa em momentos assim, quando esse fiozinho tênue me liga a um total estranho. É o tipo de coisa que faz o universo parecer menor. Adoro isso.

Volto para a pista e me deixo envolver pela música. É um show de uma banda da qual nunca ouvi falar, mas o lugar está lotado. As pessoas parecem gostar da bateria estridente. Estou cercada de corpos dançando e se movendo e de rostos pouco iluminados, cabeças viradas para o palco. De repente, tudo começa a parecer enorme e impossível de novo. Acho que é porque tem tantos casais, pessoas rindo e roçando umas nas outras e se pegando intencionalmente.

Uma sensação toma conta de mim quando vejo gente se beijando. Assumo uma forma diferente de matéria. Como se eles fossem água e eu fosse um cubo de gelo. Como se eu fosse a pessoa mais solitária do mundo todo.

— Molly! — grita Cassie, balançando as mãos.

Ela e Olivia estão perto das caixas de som, e Olivia está fazendo uma careta. Ela não é bem o tipo de garota que frequenta o 9:30. Também não tenho certeza se eu sou, mas Cassie sabe ser bem persuasiva.

É melhor deixar logo claro: minha irmã gêmea e eu não somos nada parecidas.

Nem fisicamente. Nós duas somos brancas e temos altura mediana. Mas somos os opostos em todos os outros aspectos. Cassie é loura, tem olhos verdes e é longilínea. Eu não sou nada

disso. Sou morena, tenho olhos castanhos e não estou nem perto de ser longilínea.

— Eu conheci a garota dos seus sonhos — falo para Cassie na mesma hora.

— O quê?

— Fiz amizade com uma garota no banheiro, e ela é maravilhosa. Acho que vocês deviam se apaixonar, se casar e ter filhos.

Cassie faz seu gesto clássico de erguer e franzir as sobrancelhas. Ela é uma daquelas louras com sobrancelhas castanhas, e é difícil explicar como essa combinação de tons fica perfeita nela.

— Como é que isso acontece?

— Como o amor acontece?

— Não, como se faz amizade com alguém no banheiro?

— Cass, foco. A garota é demais.

— Espera um minuto. — Cassie me dá um tapinha no braço.

— Esse é mais um dos “crushes da Molly”? O vinte e sete?

— O quê? Não. — Eu fico vermelha.

— Ai, meu Deus. A primeira paixonite por uma garota. Estou tão orgulhosa!

— Já estamos no vinte e sete? — pergunta Olivia.

Prefiro acreditar que ela só está impressionada comigo. E daí se toda hora me apaixono por alguém diferente? Não é algo ruim. Não que a garota do banheiro seja mais uma das minhas paixonites.

Balanço a cabeça e cubro os olhos com uma das mãos. Eu me sinto meio aérea. Talvez essa seja a sensação de ficar bêbada. Minha prima Abby me disse que parece que a gente está flutuando. Será que é possível ficar bêbada sem beber?

— Ei. — Cassie puxa minha mão. — Sabe que é minha função como irmã implicar com você.

Mas, antes que eu possa responder, Olivia nos mostra o celular.

— São onze e quarenta e cinco. Não devíamos estar indo para o metrô? — pergunta ela.

— Ih! — exclamo.

O metrô fecha à meia-noite. E amanhã começo a trabalhar. Arrumei um emprego de verão, o que significa que eu devia dormir pelo menos um pouco para não desmaiar no caixa. Ouvi dizer que isso não é nem um pouco profissional.

Seguimos para a saída e sinto um alívio quando ponho os pés do lado de fora. Está fresco para junho, e o ar provoca uma sensação gostosa nas minhas pernas. Estou usando um vestido de algodão que era todo preto quando comprei, mas enfeitei com gola Peter Pan de renda e um pouco de renda também na barra. Ficou muito melhor.

Cassie e Olivia digitam mensagens enquanto andam e conseguem a proeza de não tropeçar. Admiro isso. Fico um pouco para trás, observando as duas. Elas combinam com este lugar, a rua U. Cassie prendeu o cabelo num rabo de cavalo desarrumado perfeito e está vestida como se tivesse pegado a primeira coisa que viu no armário. E deve ter sido isso mesmo, mas fica ótimo nela. Mais do que ótimo. Ela tem um jeito de fazer com que a roupa de todo mundo pareça exagerada. E Olivia é alta, tem uma beleza leve e natural, exceto pelo piercing no nariz e pelas mechas azuis no cabelo que fazem você reparar melhor nela. E acho que ela pode ser considerada gordinha, mas não tanto quanto eu.

Às vezes me pergunto o que os outros pensam quando me veem.

É estranho como podemos sentir vergonha de pessoas que conhecemos a vida toda. Literalmente. Conhecemos Olivia desde que nossas mães foram da La Leche League juntas. E, por dezesseis anos, andamos sempre juntas, nós quatro: eu, Cassie, Olivia e minha prima Abby. Só que Abby se mudou para a Geórgia no verão

passado e, desde que isso aconteceu, Cassie vive nos arrastando para fazer as coisas que ela fazia com Abby — apresentações de *stand up* e shows e andanças pela rua H.

Um ano atrás, Olivia e eu estaríamos encolhidas no sofá da sala dela, assistindo a *Steven Universe* com Titania, sua cachorriinha, que é uma mistura de schnauzer com beagle. Mas, no momento, estou cercada por pessoas infinitamente mais descoladas do que eu. Todo mundo na rua U está fazendo uma destas três coisas: rindo, fumando ou se beijando.

Já estamos dentro do vagão quando eu me viro e na mesma hora vejo a garota dos sonhos.

— Cass, é ela! — Puxo a blusa da minha irmã. — De vermelho. Olha.

A garota se inclina para a frente enquanto procura algo na bolsa. Tem dois caras brancos, meio hipsters, perto dela, os dois mergulhados no celular: um ruivo de calça jeans skinny e um de cabelo preto com uma franja lateral.

— Mas você ainda não explicou por que ela é a garota dos sonhos da Cassie — comenta Olivia.

A garota ergue os olhos, e Olivia se vira depressa.

Mas ela me vê. A garota dos sonhos acena para mim, e eu dou um tchauzinho encabulado.

— Ah. Ela é gatinha — sussurra Cassie.

— Eu falei.

Abro um sorriso.

— Ela está vindo para cá.

E está mesmo. A garota dos sonhos vem ao nosso encontro, sorrindo. Agora, Cassie abre um sorriso também. Está olhando para o chão, mas suas bochechas a denunciam.

— Oi de novo — diz a garota.

Eu dou um sorriso e falo:

— Olá.

— Minha salvadora.

Essa garota realmente deve odiar ficar com a calcinha molhada de xixi.

— Acho que não me apresentei — diz ela. — Mina.

— Molly.

— Sua blusa é a coisa mais perfeita que já vi na vida — comenta Cassie. — Estou boba.

Mina ri.

— Obrigada.

— Cassie, prazer. Nunca conheci ninguém que já tivesse ouvido falar da Georgie James.

Que mentira deslavada. E eu não conto?

— O mais engraçado é que... — começa Mina, mas o garoto de franja cutuca o braço dela.

— Ei, menina Mina, vamos. — Ele ergue o rosto e seus olhos encontram os meus. — Oi. Desculpa interromper, gente, mas precisamos pegar esse trem.

— Ah, merda — diz Mina. — Tudo bem. Então...

— A gente também — diz Cassie depressa.

E, de alguma forma, acontece: nossos grupos se transformam em um só. Cassie e Mina saem andando uma ao lado da outra, e Olivia vai logo atrás, no mundo dela, digitando no celular. Eu me apoio no corrimão da escada rolante, tentando não parecer uma ovelha que se perdeu do rebanho. Molly Peskin-Suso: introvertida e desorientada, sozinha na natureza selvagem.

Mas então levanto o rosto e me dou conta: na verdade, não estou sozinha. Os garotos hipsters estão um degrau na minha frente. Sem querer meus olhos cruzam com os do ruivo, que pergunta:

— Por que você me parece familiar?

— Não sei.

— Bom, meu nome é Will.

— Molly.

— Molly, que nem o ecstasy — diz Franja.

Que nem o ecstasy. Como se eu fosse uma pessoa que pudesse ser associada a drogas.

O trem chega assim que saímos da escada rolante, e temos que correr para pegá-lo. Eu me sento e deixo espaço para Cassie, mas ela se instala ao lado de Mina.

Olivia se acomoda ao meu lado. Momentos depois, os amigos hipsters de Mina se aproximam de nós. Franja está lendo alguma coisa no celular, mas o ruivo se segura na barra e sorri.

Eu olho para ele.

— Will, né?

Tá, ele é fofo. Só um pouquinho extremamente fofo.

— Boa memória! — diz ele.

Então Olivia se apresenta, e vem uma pausa estranha e prolongada. Eu queria ser o tipo de pessoa que sabe preencher o silêncio.

Mas não sou. Muito menos Olivia.

— Ah, e este é Max — diz Will depois de um instante.

Franja ergue os olhos do celular com um sorrisinho.

— E aí?

Ai, ele também é fofo. Fofo, não — gato. Ele é um daqueles caras tão bonitos que não chegam nem a ser fofos. Mas devia parar de usar franja.

— Com quem a Molly se parece? — pergunta Will, me encarando. — Desculpa, mas não consigo parar de pensar nisso.

Max me avalia e comprime os lábios.

— Não faço ideia.

— Ela me lembra muito alguém.

Na verdade, eu escuto isso o tempo todo. Acho que devo ter um daqueles rostos ridiculamente genéricos. E o que é esquisito: três pessoas que nem se conhecem já me disseram que pareço uma atriz adolescente dos anos 1970, embora eu seja uma espécie de versão gorda dela. E estranhos sempre me dizem que pareço uma prima ou alguém que eles conheceram no acampamento de verão. Fico um pouco assustada. Tem uma parte de mim que se pergunta se tenho mesmo algum parentesco com todas essas primas e garotas de acampamento.

É neste momento que eu deveria mencionar que Cassie e eu somos bebês de proveta. Isso sempre foi uma questão na minha vida: a ideia irritante de que todo mundo que conheço pode na verdade ser um meio-irmão.

— Vou ficar encarando você até descobrir — avisa Will.

Do outro lado do corredor, Cassie dá uma risadinha... e de repente percebo que ela e Mina estão nos observando. E parecem estar se divertindo muito.

Um calor incendeia meu rosto.

— Hã, tudo bem — falo, piscando.

O trem desacelera até parar, e Olivia se levanta.

— Bom, chegamos. Chinatown.

— A gente vai saltar aqui também — diz Will.

Nem é tão surpreendente. Metade do mundo desce ali para trocar de trem. As portas se abrem e saímos, Cassie e Mina logo atrás da gente. Minha irmã está digitando alguma coisa no celular.

— Para onde vocês estão indo? — pergunta Will, ainda me esquadrinhando com o olhar.

— Takoma Park. Linha vermelha.

— Ah, tudo bem. Direção oposta. Vamos para Bethesda — diz ele. — Acho que é hora de dar tchau, então.


Nunca sei qual é o protocolo nesse tipo de situação. É como quando você está na fila do mercado e uma velhinha começa a contar sobre os netos ou a artrite dela, e você só sorri e balança a cabeça. Mas aí chega sua vez de pagar, e você solta um *bom, então tá, tchau pra sempre*.

E isso é meio trágico, se você pensar bem.

Tem um painel computadorizado que informa quanto tempo falta até cada trem chegar. O da linha vermelha para Glenmont ainda levará dez minutos. É o nosso. Mas o para Shady Grove já está praticamente na plataforma. Will, Max e Mina correm escada acima para pegá-lo.

Quando chegamos à nossa plataforma, o trem deles já saiu da estação.

Então, foi isso.



“Não foi por acaso que tive vinte e seis crushes e nenhum namorado. Não entra muito na minha cabeça como é possível alguém arrumar um namorado. Ou namorada. Parece a coisa mais improvável do mundo. Você tem que ficar a fim da pessoa certa no momento certo. E a pessoa também tem que gostar de você. Um alinhamento perfeito de sentimentos e circunstâncias. É quase incompreensível que aconteça com tanta frequência.”



ISBN 978-85-510-0236-0



9 788551 002360

www.intrinseca.com.br